

BETH REEKLES

AMAR À DISTÂNCIA

A BANCA DOS BEIJOS 2

Tradução
Raquel Dutra Lopes

 Planeta

Queridos leitores,

Estou muitíssimo entusiasmada com a publicação desta sequência de *A Banca dos Beijos*. Eu sei que muitos a esperam há bastante tempo, e foram precisos vários anos de trabalho árduo da minha parte para chegar aqui. Alguns talvez conheçam a Elle, o Lee e o Noah desde que apareceram na *Wattpad* em 2011, enquanto outros poderão tê-los conhecido através da adaptação cinematográfica da Netflix, estreada em 2018.

Por falar no filme – por mais incrível que possa parecer, em breve veremos um segundo filme de *A Banca dos Beijos* na Netflix! E embora se baseie no meu manuscrito e naquilo que vão ler neste livro, encontrarão algumas diferenças quando o filme estreiar. O que não é surpreendente: o segundo filme tem de continuar o primeiro, e esse também tinha algumas diferenças em relação ao livro.

Adorei o guião para o segundo filme e gostei mesmo das alterações feitas ao livro – pareceu-me que faziam muito sentido e, afinal, por algum motivo se diz que é uma «adaptação». Mas também acho que o segundo filme se

mantém fiel às personagens, aos seus desafios, sucesso, conflitos e relações – como também verão neste livro. Mal posso esperar por assistir à versão final e espero que todos vocês gostem tanto quanto eu quer do filme, quer do livro.

Beijos,

Beth

*Para Gransha, que sempre
foi o meu maior fã.*

Capítulo 1

– 12.º ano, ah pois é!

Depois de a porta do carro se fechar com estrondo, respirei profundamente, inclinei a cabeça para trás e deixei que os olhos se fechassem. A sentir o sol nas faces, um sorriso bailou-me nos lábios. A escola cheirava a relva acabada de cortar e por todo o lado se ouviam conversas animadas de adolescentes a andar pelo parque de estacionamento e a reencontrarem-se com os colegas depois do verão. Toda a gente se queixava sempre de detestar o primeiro dia de aulas... mas eu tinha a certeza de que, secretamente, todos o adoravam.

Havia qualquer coisa no novo ano letivo que era sinónimo de recomeço. O que era um bocado ridículo, porque se tratava do *secundário*, mas não deixava de parecer verdade.

Virei-me para o Lee, abrindo de novo os olhos, e ele dirigiu-me um sorriso.

Podia ser segunda-feira de manhã, mas eu sentia-me leve. Correspondi-lhe ao sorriso.

– 12.º, cá vamos nós – respondi em voz baixa.

Eu tinha a certeza de que, se havia algo com o qual valesse a pena entusiasmar-nos, era o início do 12.º ano.

Tinha ouvido gente dizer que os anos da faculdade é que deveriam ser os melhores da vida – mas a faculdade parecia ir requerer muito mais trabalho do que o secundário, mesmo que implicasse maior liberdade. Eu e o Lee estávamos convencidos de que o 12.º seria o último ano para desfrutarmos *mesmo*, antes de a idade adulta nos apanhar.

Contornei o carro para me encostar ao capô, ao lado do Lee. Ele sempre tinha sido muito comichoso com o seu precioso carro, o *Mustang* de 1965 que tanto estimava; caramba, praticamente cintilava.

– Não acredito que já tenha chegado. Quero dizer, pensa bem: é o nosso *último* primeiro dia de secundário. Por esta altura para o ano, havemos de estar na faculdade...

Ele resmungou.

– Nem me lembres disso. Já ouvi esse discurso da minha mãe hoje de manhã... e nem faltaram lágrimas nos olhos. Eu nem quero *pensar* na faculdade.

– Temos pena, amigo. Isso é inevitável. Estamos a avançar para o mundo.

Embora pensar em candidatar-me a faculdades também me deixasse com um nó no estômago; tinha tentado trabalhar no meu artigo de candidatura ao longo do verão, mas ainda não tinha feito progressos.

E nem queria *pensar* na possibilidade de eu e o Lee acabarmos em faculdades diferentes. De o aceitarem nalgum lugar onde não me aceitassem. De podermos acabar separados no ano seguinte. Tínhamos sido inseparáveis praticamente a vida toda. Que raio faria eu se não o tivesse por perto?

– Infelizmente – disse o Lee, arrancando-me aos pensamentos. – Olha, não vais começar a dizer disparates líricos sobre o futuro ou algo do género, pois não? Se fores, por favor avisa, que é para eu te deixar entregue aos teus pensamentos e ir procurar o resto do grupo.

A brincar, empurrei-lhe o ombro com o meu.

– Vou parar de pensar na faculdade agora. Prometo.

– Graças a Deus.

– Mas, por falar do grupo... o Cam disse-te alguma coisa acerca do vizinho novo?

– Já nem me lembrava disso!

Na semana anterior, o Cam, um dos nossos amigos mais próximos desde a primária, tinha-nos dado a notícia de que um rapaz da nossa idade se mudara para a casa em frente à dele e que os pais lhe tinham sugerido que o acolhesse e no-lo apresentasse – e a forma como o Cam dissera *sugerido* deixara-nos a pensar que lhe tinham feito uma espécie de ultimato.

O Lee continuou:

– Sei que é de Detroit. E que se chama Levi. Como as calças de ganga. Mas não sei muito mais. Acho que o Cam também não sabe muito mais sobre ele. – Depois

afastou-se do *Mustang*. – Só espero que não seja um idiota chapado, já que prometemos ao Cam que íamos tentar ajudá-lo a integrar-se. Ao Levi, quero dizer.

– Eu sei o que queres dizer – balbuciei, mas estava distraída com o telemóvel, que tinha nas mãos e começara a tocar.

O olhar do Lee fitou o ecrã e ele suspirou. Lancei-lhe um sorriso à laia de desculpa mesmo a tempo de o ver revirar os olhos e começar a afastar-se, de mochila pendurada só de um ombro.

– Nada de sexo por telefone, Shelly. Olha que isto é uma escola. Mantém a conversa apropriada a maiores de 13.

– Oh, como se tu e a Rachel nunca tivessem curtido na arrecadação dos contínuos! – gritei-lhe. Ele limitou-se a mostrar-me um polegar virado para cima, sem se voltar para trás.

Atendi o telefone.

– Olá, Noah.

O irmão mais velho do Lee, o Noah, era metade do motivo para eu não ter feito progressos no meu texto de candidatura à faculdade: depois de andar à socapa com ele sem o Lee saber durante uns meses na primavera anterior (o que acabou por ser um desastre total, quando o Lee nos apanhou aos beijos), tínhamos começado oficialmente a namorar no verão, passando o máximo possível das férias juntos. Ele agora estava do outro lado do país, em Harvard.

Ainda não tinham passado duas semanas e eu mal aguentava a falta que ele me fazia. Como conseguiria não o ver até ao Dia de Ação de Graças?

– Olá, como estás?

– Bem. Com a excitação do início do 12.º. Como vai a faculdade?

– Eh. Nada de muito diferente desde que te liguei ontem à noite. Tive aulas hoje de manhã. Matemática. Foi bastante interessante. Equações diferenciais de segunda ordem.

– Não faço ideia do que estás a dizer e nem sei se quero saber.

Noah riu-se, uma risada leve e ofegante que me derreteu o coração. Quase tudo nele me derretia o coração, me deixava as pernas bambas ou dava-me a sensação de ter o estômago cheio de borboletas. Eu era uma tola quando estava com ele, um clichê saído de um filme. E isso era fantástico.

Sentia tanto a falta daquele riso como de ter os seus braços à minha volta, ou os seus lábios junto aos meus. Falávamos a toda a hora – por videochamada, pelo Snapchat, por mensagens, pelo belo e simples telefone... mas não era o mesmo. E eu estava um pouco cautelosa quanto a deixá-lo perceber a falta que me fazia, não fosse isso mostrar-me demasiado dependente. Não sabia mesmo como lidar com todas aquelas coisas das relações.

– És *tão* cromo – disse-lhe.

Eu nunca tinha visto o Noah como um cromo. Quero dizer, sabia que ele era esperto. Tinha terminado os

exames com uma média de 18,8 (a mãe dele contara-me isso havia pouco tempo e foi então que percebi realmente como era inteligente). Por pouco não fora o melhor da turma, mas mantivera uma reputação de rebelde durante todo o secundário. Até começarmos a namorar, eu nunca tinha pensado que, apesar dessa imagem, ele pudesse mesmo *gostar* de aprender coisas como equações diferenciais de segunda ordem. O que quer que isso fosse.

– Chiu, olha que ainda te ouvem. – O sorriso trocista notava-se-lhe na voz. – Seja como for, chega de falar de mim. Ontem passei uma hora inteira a falar-te da faculdade. Só queria desejar-te sorte para o primeiro dia do 12.º ano.

Sorri, apesar de ele não poder ver.

– Bem, obrigada. Fico mesmo contente por teres ligado.

– E então, como é? Serem os mais velhos da escola?

– É um bocado assustador, um bocado estonteante e muito empolgante. Estou a tentar não ficar demasiado stressada com a faculdade e isso.

– Mete medo, não é?

– Pensar na faculdade faz-me sentir crescida quando me sinto tudo menos crescida. Quero dizer, ainda ontem à noite o meu irmão mais novo teve de vir ao meu quarto para me matar uma aranha.

– Não me digas nada. No outro dia tive de perguntar como se usava a máquina de secar na lavandaria. Senti-me tão estúpido.

– Nunca tinhas lavado roupa?

– A minha mãe é *muito* específica quanto a como a roupa deve ser lavada, Shelly, tu sabes. – Sabia; uma vez, ela tinha pedido ao Lee que estendesse os lençóis porque ia sair e, assim que chegou, voltou a estendê-los. Não tornou a pedir-lhe que o fizesse. – Além disso, aqueles quatro ursos de peluche que tens na cama não devem contribuir para que te sintas adulta.

– Aposto que há uma data de raparigas na faculdade e até alguns rapazes com um ou dois ursos de peluche na cama.

– Mas não quatro.

– Ora, então, não digas mal de *Mr. Wiggles*. – Não consegui evitar fazer beicinho. – Seja como for, tu é que usas *boxers* do Super-Homem.

Antes de o Noah ter oportunidade de se defender, ouviu-se o som de alguém a bater a uma porta com força do outro lado da linha. Ele suspirou.

– Parece que tenho de desligar. O Steve estava no quarto, por isso vim para a casa de banho para termos alguma privacidade...

– Flynn, então, meu, preciso de mijar! – gritou o seu companheiro de quarto, o Steve. A sua voz soava abafada, provavelmente pela porta da casa de banho.

– Eu também devia ir andando. O grupo já deve ter chegado e ficámos de ir conhecer o vizinho do Cam e ajudá-lo a integrar-se.

– É o tipo de Detroit? O *Salsa*?

– O Levi.

– Foi o que eu disse. Bem, boa sorte com isso. E olha, diz ao Lee que lhe desejo boa sorte para as provas de seleção. Eu mandei-lhe mensagens, mas ele não respondeu.

Um som de algo a abanar do outro lado da linha e mais batidas na porta.

– Flynn! *Vá lá!*

– Tem um bom último primeiro dia de escola – disse o Noah.

– Obrigada. Amo-te.

Ouvi-lhe o sorriso na voz e foi quase como se lhe visse a covinha na bochecha que acompanhava esse sorriso quando ele disse:

– E eu a ti.

Demorámo-nos um pouco mais a desligar, sem dizermos nada, só a ouvir o som da respiração um do outro. Depois afastei o telemóvel da orelha e desliguei, assegurando-me de que lhe tirava o som antes de o enfiar na mochila, onde depressa se enterrou entre os meus cadernos novinhos em folha e outras coisas necessárias para o primeiro dia (nomeadamente uma escova, um chocolate, um tampão e uns auriculares com o fio muito emaranhado).

– Elle! Olá! Aqui!

Estiquei o pescoço ao ouvir o meu nome, pondo-me em bicos de pés para olhar. O Dixon estava a uns metros de distância, com o Lee e o nosso amigo Warren a chamar-me. Acenei-lhes, para o Dixon saber que o tinha visto, antes de avançar para junto deles.

Passei por entre uns carros para chegar aos rapazes e, quando começava a contornar um *Toyota* verde desconhecido, a porta do lado do condutor abriu-se, bateu-me na anca e atirou-me contra o *Ford* que estava atrás de mim.

Respirei rapidamente, à espera de que o alarme do *Ford* começasse a soar – e expirei de alívio quando isso não aconteceu.

Suponho que este ano não vou ser eu a desajeitada da escola. Novos começos, aqui estou eu.

– Oh, merda. Oh, pá, peço imensa desculpa, não te vi aí...

– A culpa foi toda minha, não te preocupes – disse-lhe, afastando o cabelo da cara antes de olhar para o condutor. Não o reconheci: tinha pernas e braços muito compridos, mas não era muito mais alto do que eu, e tinha os olhos escondidos atrás de uns óculos tão escuros que eu me via refletida neles. Empurrou os óculos para o cabelo castanho e encaracolado com um movimento fluido e depois ficou com um braço caído ao lado do corpo e uma mão a segurar a pega de uma mochila.

Tinha uns olhos agradáveis. Amistosos. Eram verdes e enrugados nos cantos. Eu tive de cerrar um pouco os meus, porque o Sol estava mesmo por trás dele. Passando o peso para o outro pé, ele bloqueou a luz.

Era giro.

– Estás bem? Magoei-te? Peço imensa desculpa...

– A sério, não te preocupes. Estou bem. A sério.

Sorri, para enfatizar o que dizia, apesar de me doer um bocado a anca.

O som da porta do lado do pendura a abrir-se chamou-me a atenção e reconheci o Cam de imediato, com o seu cabelo louro escorrido e a mochila azul muito puída que ele tinha, tipo, desde o 8.º ano. Ele sorriu-me.

– Porque não estou surpreendido? Minha, já te disse, tens de ver por onde andas.

Fiz-lhe uma careta antes de me virar de novo para o tipo dos braços e pernas compridos, preparando-me para dizer algo do género «E tu deves ser o Levi», mas o Cam foi mais rápido.

– É melhor mas é apresentar-vos. Elle, este é o Levi. Levi, a minha amiga Elle.

– Muito gosto.

Ele levantou uma mão num cumprimento e dirigiu-me um sorriso com uns dentes tão brancos que eu achei que só podiam ter sido branqueados.

– Igualmente. Desculpa ter ido contra a porta do teu carro. Quando o Cam nos disse que devíamos conhecer o vizinho novo dele, *trapalhona* não era a primeira impressão que eu queria causar.

O sorriso dele cresceu ainda mais.

– Então és sempre assim desajeitada, ou hoje foi uma exceção?

– É uma trapalhona – atalhou o Cam, e pareceu-me que estava um bocado irritado. Não gostaria do vizinho

novo, ou estaria apenas stressado? Presentindo que algo estava mal, mudei de assunto.

– O Dixon está ali com os outros.

– Ótimo.

O Cam encaminhou-se para onde eu tinha apontado, vendo os nossos amigos rapidamente, mas o Levi não se moveu para o seguir.

– Anda – disse-lhe eu –, para conheceres o resto do pessoal.

Depois de as apresentações terem sido feitas, e de o Levi começar a perguntar como era o desporto ali (quando morava em Detroit, fazia parte da equipa de *lacrosse*), afastei-me discretamente com o Cam.

– O que se passa entre vocês? – perguntei-lhe, mantendo a voz baixa. – Manda-me calar se estiver a meter-me onde não sou chamada ou assim, mas... não sei, parece que não gostas lá muito do tipo novo.

A expressão rabugenta do Cam deu lugar a uma mais envergonhada.

– Não é que não goste dele... só ainda não o conheço muito bem – balbuciou. – E detesto ser responsável por ele, sabes? Sinto que tenho de conter o sarcasmo todo e ser o mais simpático possível.

– Vai correr bem. Ele parece simpático. Pelo menos tenta não fazer a cara que faz o Brad quando o meu pai lhe diz para comer os brócolos.

– Para ti é fácil dizeres isso – resmungou ele. – O tipo conduz como um possesso... e o meu carro continua na oficina.

– Gostaria de te lembrar daquela vez que fizeste marcha atrás contra um poste.

– Ui, não me lembres.

Mas sorriu, e eu sorri-lhe de volta. O ombro do Lee chocou com o meu enquanto ele gesticulava a falar de futebol americano com o Warren e o Levi e, por um instante, entreolhámo-nos.

12.º, cá estamos nós.